

O TERMO CULTURA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: ASPECTOS POLISSÊMICOS E SOCIAIS

EL TÉRMINO CULTURA EN PERSPECTIVA HISTÓRICA: ASPECTOS POLISÉMICOS Y SOCIALES

THE TERM CULTURE IN HISTORICAL PERSPECTIVE: POLYSEMIC AND SOCIAL ASPECTS

Jose Henrique de Lacerda Furtado*
henrilacerda2009@hotmail.com

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Resumo

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, tendo como objetivo principal realizar uma discussão acerca da etimologia da palavra “cultura”, levando em conta a evolução histórica de sua concepção ao longo dos anos e seus aspectos polissêmicos e sociais. Considerando que é praticamente impossível rever a trajetória completa da palavra cultura, em virtude de suas diversas aplicações ainda existentes, faz-se imprescindível que se reconstitua a gênese social e a genealogia do conceito de cultura, se quisermos compreender o seu sentido atual e seu uso nas ciências sociais, estabelecendo os laços existentes entre a história da palavra “cultura” e a história das ideias. Dessa forma, o estudo foi organizado em duas partes, com a primeira abordando a evolução histórica do termo cultura, e a segunda, construída com o intuito de acrescentarmos algumas discussões acerca dos seus aspectos polissêmicos e sociais na contemporaneidade. Considerando as discussões apresentadas, fica evidente o quanto a concepção de cultura foi se modificando ao longo da história, sendo diretamente influenciada pelo modo de produção e de organização da sociedade, seus valores e crenças de cada época.

PALAVRAS CHAVE: Cultura; Evolução Histórica; Sociedade.

Resumen

El presente estudio se desarrolló a partir de una revisión bibliográfica, teniendo como objetivo principal debatir sobre la etimología de la palabra "cultura", teniendo en cuenta la evolución histórica de su concepción a lo largo de los años y sus aspectos polisémicos y sociales. Teniendo en cuenta que es prácticamente imposible revisar la trayectoria completa de la palabra cultura, debido a sus numerosas aplicaciones existentes, es esencial reconstituir la génesis social y la genealogía del concepto de cultura si queremos comprender su significado actual y su uso. en ciencias sociales, estableciendo los vínculos entre la historia de la palabra "cultura" y la historia de las ideas. Por lo tanto, el estudio se organizó en dos partes, la primera abordando la evolución histórica del término cultura y la segunda, construida para agregar algunas discusiones sobre sus aspectos polisémicos y sociales en los tiempos contemporáneos. Teniendo en cuenta las discusiones presentadas, es evidente cuánto ha cambiado la concepción de la cultura a lo largo de la historia, influenciada directamente por el modo de producción y organización de la sociedad, sus valores y creencias de cada época.

PALABRAS CLAVE: Cultura; Evolución Histórica; Sociedad.

Abstract

The present study was developed from a bibliographic review, having as main objective to make a discussion about the etymology of the word "culture", taking into account the historical evolution of its conception over the years and its polysemic and social aspects. Considering that it is practically impossible to revise the complete trajectory of the word culture, due to its many existing applications, it is essential to reconstitute the social genesis and genealogy of the concept of culture if we are to understand its current meaning and its use. In the social sciences, establishing the links between the history of the word "culture" and the history of ideas. Thus, the study was organized in two parts, with the first addressing the historical evolution of the term culture, and the second, built to add some discussions about its polysemic and social aspects in contemporary times. Considering the discussions presented, it is evident how much the conception of culture has been changing throughout history, being directly influenced by the mode of production and organization of society, its values and beliefs of each era.

KEYWORDS: Culture; Historic Evolution; Society.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Cuche (2002) as palavras tanto têm história quanto fazem história. Elas surgem para dar resposta a problemas que se colocam em períodos históricos determinados e em contextos sociais e políticos específicos. Para o autor "nomear é ao mesmo tempo colocar o problema e, de certa maneira, já resolvê-lo" (CUCHE, 2002, p. 17).

Neste sentido, o autor defende que "a invenção da noção de cultura é em si mesma reveladora de um aspecto fundamental da cultura no seio do qual pôde ser feita esta invenção e que chamaremos, por falta de um termo mais adequado, a cultura ocidental" (CUCHE, 2002, p. 17).

No entanto, Cuche (2002) destaca também, que é significativo que não exista uma palavra equivalente à "cultura", em grande parte das línguas orais das sociedades estudadas habitualmente pelos etnólogos. O que não significa que as mesmas não tenham "cultura", mas sim, que elas não se colocam a questão de saber se têm ou não cultura, muito menos em definir sua própria cultura.

Não é à toa, portanto, que Williams (2007, p. 117) defende que a palavra "culture é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa", principalmente em virtude de ela ter passado a ser utilizada para referir-se a conceitos importantes de diversas áreas distintas.

Sendo assim, conforme destaca Cuche (2002), embora seja praticamente impossível rever a trajetória completa da palavra cultura, em virtude de suas diversas aplicações ainda existentes, é imprescindível que se reconstitua a gênese social e a genealogia do conceito de cultura, se quisermos compreender o seu sentido atual e seu uso nas ciências sociais, estabelecendo os laços existentes entre a história da palavra "cultura" e a história das ideias.

Diante disso, o presente estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, tendo como objetivo principal realizar uma discussão acerca da etimologia da palavra “cultura”, levando em conta a evolução histórica de sua concepção ao longo dos anos e seus aspectos polissêmicos e sociais.

Optou-se pela pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento deste trabalho tendo em vista o exposto por Gil (2010), que considera esta metodologia indispensável aos estudos que abordam a perspectiva histórica do objeto a ser estudado.

Sendo assim, desenvolvida a partir de material já elaborado, a pesquisa bibliográfica apresenta como uma de suas principais vantagens, a possibilidade de o investigador realizar uma cobertura muito mais ampla do objeto pesquisado (Gil, 2010).

Dessa forma, após a seleção, análise e interpretação das obras a serem utilizadas, iniciou-se a construção do presente estudo, o qual foi organizado em duas partes. A primeira, que aborda a evolução histórica do termo cultura, e a segunda parte, construída com a finalidade de acrescentarmos algumas discussões acerca dos seus aspectos polissêmicos e sociais na contemporaneidade.

2. O TERMO “CULTURA” E SUA EVOLUÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

De acordo com Williams (2007) cultura, vinda do latim *colere*, tinha vários significados: “habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração” (WILLIAMS, 2007, p. 117), sendo utilizada, inicialmente, como um substantivo para referir-se a um processo relacionado ao cuidado com algo, em geral com as colheitas ou com animais.

Conforme destaca Chauí (2008, p. 55)

[...] na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios.

Em suas análises acerca do uso da palavra cultura na língua francesa, Cuche (2002) descreve que já no ano de 1700 a palavra “cultura” era antiga no vocabulário francês. “Vinda do latim *cultura* que significa o cuidado dispensado ao campo ou ao gado, ela aparece nos fins do século XIII para designar uma parcela de terra cultivada” (CUCHE, 2002, p. 19).

De acordo com o autor supracitado, já no início do século XVI, ela deixa de significar um estado (da coisa cultivada) e passa a indicar uma ação (cultivar a terra), sendo somente em meados deste século formado o sentido figurado, passando então a designar a cultura de uma faculdade, ou seja, “o fato de trabalhar para desenvolvê-la” (CUCHE, 2002, p. 19).

Williams (2007), corroborando com o autor acima, acrescenta também, que foi a partir do início do século XVI, que o cuidado com o crescimento natural ampliou-se, incluindo o processo de desenvolvimento humano, permanecendo ambos como o sentido principal até início do século XIX.

Cuche (2002) acrescenta ainda, que o termo “cultura” no sentido figurado só ganhou destaque a partir do século XVIII, sendo quase sempre seguido de um complemento que especificava a coisa que era cultivada. Progressivamente o termo foi se liberando de seus complementos, passando a ser empregado apenas para designar a “formação”, a “educação” do espírito, sendo sempre empregado no singular.

No entanto, conforme destaca Chaui (2008, p. 55)

[...] no século XVIII, com a filosofia da Ilustração, a palavra cultura ressurgiu, mas como sinônimo de um outro conceito, torna-se sinônimo de civilização. Sabemos que civilização deriva-se de ideia de vida civil, portanto, de vida política e de regime político. Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução.

Cuche (2002) aponta que para os iluministas, a cultura era “a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 2002, p. 21). De acordo com ele “a palavra é associada às ideias de progressão, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época” (CUCHE, 2002, p. 21), participando também do otimismo do momento e se inscrevendo então, plenamente na ideologia iluminista.

Cuche (2002) salienta ainda que, embora “cultura” tenha estado muito próxima de civilização, no século XVIII, os dois termos não eram equivalentes. Enquanto cultura dizia respeito aos progressos individuais, civilização tinha relação aos progressos coletivos. Além disso, ele ressalta que assim como “cultura”, civilização também era usada no singular. No entanto, o termo se libera rapidamente de seu sentido original recente, que designa o afinamento dos costumes e é ressignificada como o processo que tira a humanidade da ignorância e da irracionalidade.

Portanto, a ideia de tempo é introduzida no conceito de cultura, porém, um tempo muito preciso, de tal modo que, progressivamente, cultura vai tornando-se sinônimo de progresso. Sendo assim, “avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se cultura pelo progresso que traz a uma civilização” (CHAUI, 2008, p. 55).

Nessa perspectiva, conforme destaca Cuche (2002, p. 22) “civilização é então definida como um processo de melhoria das instituições, da legislação, da educação”, como um movimento longe de estar acabado, que pode e deve ser estendido a todos os povos que compõe a humanidade. Para o autor, o uso de “cultura” e “civilização”, neste período, representou então, uma nova concepção desmistificada da história. “A partir de então, o homem está colocado no centro da reflexão e no centro do universo” (CUCHE, 2002, p. 23).

Esse conceito iluminista de cultura é retomado no século XIX, quando se constitui a antropologia como um novo ramo das ciências humanas. Tendo o progresso como medida de cultura, esses antropólogos estabeleceram o padrão da Europa capitalista como parâmetro para medir a evolução ou grau de progresso de uma cultura (CHAUI, 2008).

Sendo assim, “as sociedades passaram a ser avaliadas segundo a presença ou a ausência de alguns elementos que são próprios do ocidente capitalista e a ausência desses elementos foi considerada sinal de falta de cultura ou de uma cultura pouco evoluída” (CHAUI, 2008, p. 56). Os elementos em questão eram o Estado, o mercado e a escrita (CHAUI, 2008).

Williams (2007) ressalta que, também nesta época, havia um desenvolvimento importante da palavra em alemão. Inicialmente grafada *Cultur*, e logo *Kultur* a partir do século XIX, era usada principalmente com o significado de civilização, no sentido abstrato de estar ou ser civilizado ou cultivado.

No entanto, ele destaca que Herder introduziu no final do século XVIII uma mudança decisiva de uso. O referido autor escreveu sobre *Cultur* “nada é mais indeterminado que essa palavra e nada mais enganoso que sua aplicação a todas as nações e a todos os períodos” (HERDER, apud WILLIAMS, 2007, p. 120). Ele argumentava que era necessário falar em “‘culturas’ no plural: culturas específicas e variáveis de diferentes nações e períodos, mas também culturas específicas e variáveis dos grupos sociais e econômicos no interior de uma nação” (WILLIAMS, 2007, p. 120). Uma alternativa ao sentido ortodoxo e dominante de “civilização” (WILLIAMS, 2007).

Cuche (2002) destaca Herder, como o precursor do conceito relativista de “cultura”, ressaltando que o referido autor defendia que “cada povo, através de sua cultura própria, tem um destino específico a realizar. Pois cada cultura exprime à sua maneira um aspecto da humanidade” (CUCHE, 2002, p. 27).

Sob a influência do nacionalismo, a ideia alemã de cultura evoluiu pouco no século XIX, se ligando cada vez mais ao conceito de “nação”. A ideia essencialista e particularista dos alemães estava em perfeita adequação com o conceito étnico-racial de nação, que se referia à comunidade de indivíduos que tinha a mesma origem (CUCHE, 2002).

A partir de 1840, na Alemanha, Kultur passou então, a ser utilizado em um sentido muito parecido com o que tivera civilização nas histórias universais do século XVIII. Linha de referência que deve ser considerada ao traçar o sentido predominante nas ciências sociais modernas (WILLIAMS, 2007).

3. A CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: ASPECTOS POLISSÊMICOS E SOCIAIS

Amorim (2017) ressalta que o termo cultura tem sido definido por especialistas e estudiosos como um dos mais polissêmicos conceitos do campo das humanidades. Neste sentido, Williams (2007) aponta também, para a complexidade do desenvolvimento e do uso moderno da palavra. Para ele, distinguir o sentido que depende de uma continuidade literal do processo físico, como “cultura de beterraba”, “cultura de germes”, é fácil, mas quando a referência física é transpassada, torna-se necessário o reconhecimento de três categorias amplas e ativas de uso, que são:

(i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do S18; (ii) o substantivo independente, usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral. Desde Herder a Klemm. Mas também, é preciso reconhecer (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística (WILLIAMS, 2007, p. 121).

De acordo com o autor, embora o uso no sentido (iii) seja relativamente tardio, ele tem sido o mais difundido na atualidade. Sendo assim, tendo em vista essa história complexa e ainda em curso da palavra, Williams (2007) destaca o significativo leque e sobreposição de sentidos existentes. Para ele, “o complexo de significados indica uma argumentação complexa sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um modo específico de vida, e entre ambos e as obras e práticas da arte e da inteligência” (WILLIAMS, 2007, p. 122).

Além disso, Eagleton (2011, p. 79) acrescenta ainda que a cultura é uma dessas “raras ideias que têm sido tão essenciais para a esquerda política quanto são vitais para a direita, o que torna sua história social excepcionalmente confusa e ambivalente”. Conforme destaca este autor

A cultura é uma questão do desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso isolado. Com efeito, é o despontar do reconhecimento de que isso não é possível que ajuda a deslocar a cultura de seu significado individual para o social. A cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política. (EAGLETON, 2011, p. 21)

Não é por acaso que Williams (2015) descreve a cultura como “algo comum a todos” (WILLIAMS, 2015, p. 5). De acordo com ele

Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra (WILLIAMS, 2015, p. 5).

A partir da segunda metade do século XX, a cultura adquiriu uma concepção bem mais abrangente, conforme destaca Chauí (2008). A partir de então, ela passa ser compreendida como

campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instalam a ideia de lei, e portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (CHAUI, 2008, p. 57).

No entanto essa nova abrangência da noção de cultura esbarra em um problema nas sociedades modernas. O fato de a sociedade ser marcada pela divisão social, ou seja, a divisão de classes. Sendo assim, prevalecendo a divisão cultural que evidencia um corte no interior da cultura, segregando de um lado a cultura formal (dominante), e do outro a cultura popular (CHAUI, 2008).

Chauí (2008, p. 59) ressalta que “graças às análises e críticas da ideologia, sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social”.

Nessa perspectiva é válido retomar a discussão realizada por Williams (2015) acerca da ideia de uma cultura comum. Neste sentido, o autor defende a inexistência de “qualquer possibilidade de uma cultura comum como a entendo, provindo de um ato de expansão dos valores minoritários de um grupo específico – provavelmente, em tal caso, um grupo dominante - a outras pessoas” (WILLIAMS, 2015, p. 54). Sendo assim, o autor sublinha que

a cultura de um povo só pode ser o que todos os seus membros se empenham em criar no ato de viver [...] a cultura comum não é a disseminação geral do que uma minoria queira dizer e crer, mas a criação de uma condição na qual o povo como um todo participe da articulação de significados e valores e das consequentes decisões entre este e aquele significado, entre este e aquele valor (WILLIAMS, 2015, p. 54).

Portanto, conforme destaca Williams (2007, pp. 122-123) “entre línguas, assim como no interior delas, o leque e a complexidade de sentidos e referências indicam tanto a diferença de posição intelectual quanto algum obscurecimento ou sobreposição”. Sendo assim, a complexidade então, não reside apenas na palavra em si, mas sim, “nos problemas que as variações de uso indicam de maneira significativa” (WILLIAMS, 2007, p. 123).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões aqui apresentadas fica evidente o quanto a concepção de cultura foi se modificando ao longo da história, sendo diretamente influenciada pelo modo de produção e de organização da sociedade, seus valores e crenças de cada época.

Vale a pena destacar também, a importância de se considerar esses aspectos históricos e as profundas transformações por quais passou e, vem passando, o processo de construção dessas concepções ao longo do tempo.

Definir o que seria cultura ou ainda, determinar o que se entende por cultura nacional é, portanto, um complexo desafio em virtude não só da polissemia constantemente em disputa acerca desse termo, mas também, em virtude da sua constante evolução ao longo do tempo (CANCLINI, 1994).

Conforme descrito por Oliven (2011), a discussão acerca de quem somos, tem sido frequente no Brasil, passando inevitavelmente pelo debate acerca do que seria, de fato, a cultura brasileira e o que a diferenciaria de outras culturas. No entanto, o autor destaca que essa temática da cultura e da identidade nacional tem sido constantemente reatualizada e colocada novamente no debate sobre a nossa sociedade.

Por fim, é válido destacar ainda as reflexões propostas por Williams (2015) acerca do que seria uma cultura comum, que refletem os aspectos sociais da construção da cultura em uma sociedade. O autor a define como “uma democracia educada e participativa” (WILLIAMS, 2015, p. 56), para a qual é imprescindível um “processo livre, contributivo e comum de participação na criação de significados” (WILLIAMS, 2015, p. 56).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, S. **Cultura e democracia**: a participação como elemento estruturante das políticas públicas de cultura no estado do Rio de Janeiro. 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Políticas públicas e formação humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2017. Disponível em: <<http://ppfh.com.br/wp-content/uploads/2018/05/Tese-NORMALIZADA-4.pdf>>. Acesso em 29 de jan, 2019.
- CANCLINI, N. G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Mauricio Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 23, 1994.
- CHAUI, M. Cultura e democracia. In: Crítica y emancipación: **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Año 1, no. 1, (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- CUCHE, D. Gênese social da palavra e da ideia de cultura. In: CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: EDUSC, p. 17-31, 2002.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2. ed., São Paulo: UNESP, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed.- 3. Reimpr. - São Paulo: Atlas, 2010.
- OLIVEN, R. G. Identidade nacional: construindo a brasilidade. In: **Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança**./ André Botelho; Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- WILLIAMS, R. Cultura. In: **Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WILLIAMS, R. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. Tradução de Nair Fonseca; João Alexandre Peschanski. – 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Recebido em: 09/11/2019

Aceito em: 09/11/2020

Endereço para correspondência:

Nome Jose Henrique de Lacerda Furtado*

Email: henrilacerda2009@hotmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)